

Lisboa, Londres e agora também Oxford

Março de 2016

Lisboa

Estamos mais uma vez a caminho de Lisboa. Erik mora em Londres há quase 11 anos e uma vez por ano, pelo menos, eu e Sandrinha embarcamos para a Inglaterra onde ficamos alguns dias. No entanto, tanto na ida como na volta, por uma questão de tradição, somos levados por uma força superior a ficar alguns dias em Lisboa. Como foram tantas as visitas, acabamos não indo mais aos tradicionais pontos turísticos e nos limitamos a caminhar ou algumas vezes visitar algum local onde estivemos já há muitos anos atrás.

O avião desceu em Lisboa às 6 horas da manhã e no aeroporto local os trâmites de passagem pela alfândega e depois pegar as malas costuma ser rápido, e em cerca de uma hora estávamos entrando no Hotel Marquês de Pombal na Avenida Liberdade. Como já falei em outras crônicas trata-se de um hotel muito bom e, no nosso conceito de bons andarilhos, bem localizado. Não aconselho se hospedar nesse hotel pessoas que não gostam de caminhar muito, principalmente no retorno para o hotel depois de tomar alguns vinhos, pois a Avenida Liberdade é uma via íngreme que desce em direção ao Rossio e o Chiado no Centro da cidade.

Como a história se repete nós sempre acabamos tomando o café da manhã no mesmo local, no caso o Café Gelo. Não me pergunte porque alguém resolveu chamar o café com esse nome estranho. Não deixamos de comer o tradicional Pastel de Belém e nesse dia conhecemos uma brasileira que trabalhava no local há 4 meses, e que antes tinha morado em Londres por 6 anos.

Eu e Sandrinha conversamos e chegamos a conclusão que voltaríamos nesse dia a visitar o belo Castelo de Queluz e para isso fomos a uma agência de informações turísticas para sabermos que trem teríamos que pegar. A moça muito gentil nos disse para pegar o trem que ia para Sintra ou Meleças na Estação do Rossio.

Após comprarmos as passagens e entrarmos no local de embarque encontramos num trem que iria partir dentro de poucos minutos com destino a Meleças. Isso mesmo, pois o cedilha tinha virado C.



Trem para Melecas na Estação do Rossio

Entramos no trem mas ficamos em dúvida se o trem passava pela estação de Queluz Belas, onde a moça das informações tinha nos dito para saltar. Vi uma senhora sentada e resolvi pedir a ela uma informação.

- Por favor esse trem para na Estação de Queluz Belas?

- Eu estou indo para Sintra e vou ter que descer em outra estação para trocar de comboio¹.

Eu pensei que ela não tinha entendido a minha pergunta e então repeti.

- O trem para na estação de Queluz?

- Para mim vai ser um problema sério ter que trocar de comboio.

Nesse momento um senhor que estava há algumas fileiras atrás gritou enfesado:

¹ Em Portugal trem é comboio

- Para em Queluz, sim!



Palácio de Queluz – Lisboa

O Palácio de Queluz é muito bonito embora careça em alguns locais de manutenção. Os jardins são também muito agradáveis para passear e circular. Pegamos o trem de retorno à Estação do Rossio e à noite, depois de passarmos pelo hotel, fomos jantar no Restaurante Ribadouro, relativamente próximo do hotel, onde matamos a saudade do Camarão ao Brás. Depois do jantar fomos bater o ponto na Ginja sem Rival para degustarmos uma ginjinha. O preço da ginja tem aumentado em euros e agora já estava em um euro e quarenta centavos, com uma inflação de 40% desde a primeira vez que lá estivemos talvez no ano 2000. Conversamos com o Nuno que agora substituíra o Seu Manel que tinha morrido engasgado com um prego. Neste caso prego é um tipo de sanduiche de carne muito popular em Portugal. A última informação que tive era que eram vendidas mil doses de ginjinha por dia, o que não é de se duvidar pois o local só vende essa bebida e fica cheio durante todo o dia (Rua de Santo Antão).

Tínhamos que dormir cedo pois no dia seguinte partiríamos cedo para Londres.

Londres

Erik tinha contratado um taxi que lá estava no enorme aeroporto de Heathrow nos esperando. Não era propriamente um taxi, mas um desses carros contratados por serviço e o rapaz que nos esperava era um árabe que falava mal o inglês. Por incrível que pareça é fácil encontrar imigrantes em Londres que não falam inglês. A diarista da casa de Erik, que é ucraniana, não entende uma palavra de inglês. Por outro lado ela é muito bonita e elegante e você não acredita que trabalha em limpeza de casas

O tempo até a casa de Erik é em média de uma hora e pouco e o nosso motorista, que durante grande parte do trajeto conversava pelo celular com alguém em árabe, acabou se perdendo. Consultava o GPS mas não conseguia chegar ao local. Já estávamos há mais de uma hora e meia rodando sem saber para onde ir, quando Sandrinha viu a parte de trás do prédio onde Erik morava e gritou que era ali. O nosso motorista teve que seguir mais alguns quarteirões até poder voltar. O custo da corrida de carro fica em 38 libras, mas se pegarmos o trem Heathrow Express até a estação de Paddington a passagem sai por 42 libras para duas pessoas o que somado ao taxi até a casa de Erik daria mais 18 libras, ou seja, num total de 60 libras. Ou seja, sai mais barato pegar o carro fretado.

Erik e Ben tinham planejado irmos todos para Oxford no sábado, ou seja, no dia seguinte e já tinham comprado as passagens de trem, reservado o hotel e alugado um carro em Oxford para visitarmos as cidades próximas.

A viagem de trem até Oxford leva cerca de uma hora. A cidade é muito bonita com vários prédios muito antigos, alguns, como a torre, foram construídos em 1020, quando o Brasil nem pensava em existir. Pelo menos no conceito da civilização ocidental pois por aqui já habitavam os índios. Andamos muito pela cidade visitando vários locais e almoçamos num bom restaurante chamado Quod numa das ruas principais cujo nome não me lembro. Quando começou a cair flocos de neve nós resolvemos ir para o hotel tomar banho e quem sabe mais tarde sair para jantar. Eu não vou comentar sobre os preços na Inglaterra pois com a libra valendo 6 reais fica difícil qualquer comentário. O engraçado é que quando chegou em Londres a notícia que o Lula tinha sido levado à força para depor, o preço da libra chegou a cair para 5,1 reais. Ou seja, uma simples esperança de alguma mudança na economia brasileira já levava os preços para baixo. Para resumir, o tal almoço, onde eu comi uma pizza e Sandrinha tomou uma sopa, ficou em torno de 200 reais para nós dois. Ficamos hospedados no hotel Mercure, por sinal muito bom e bem localizado. Como foi Erik que pagou a nossa diária eu não reclamei do preço de 140 libras por noite num hotel bom, mas sem ser de luxo.

No dia seguinte saímos em torno de 10 horas de carro para visitar duas pequenas cidades medievais próximas (cerca de 60 quilômetros) de Oxford. Dirigir na Inglaterra, apesar do volante ficar do lado errado, ou seja, à direita ao invés de ficar a esquerda como é em todos quase os países do mundo, é muito fácil, pois todos respeitam as regras de trânsito, ao contrário do que vemos por aqui.

Bourton on the Water é uma cidade medieval rodeada por alguns canais e de uma beleza sem descrição. Você tem a impressão de ter regressado à Idade Média. A outra cidade que também visitamos foi Stow on the Wold. Nós achamos Bourton mais bonita que Stow. Ou seja, uma é belíssima e a outra é muito bonita. No Centro da cidade os carros podiam estacionar até duas horas, e se passassem desse tempo seriam multados. Tudo certo. O engraçado era o método usado pelo guarda de trânsito que fotografava as placas dos carros registrando a hora da foto. Fazia isso com todos os carros estacionados que pelos nossos cálculos deviam ser uns trezentos carros, já que era um domingo e muitas pessoas estavam visitando a cidade. Feito isso ele retornava e

começava a comparar as placas com os horários. Achamos que o método deveria funcionar, mas com certeza teriam outros mais simples e talvez mais eficientes.



Eu e Sandrinha na linda Bourton on the Water

Outra coisa muito interessante na Inglaterra é o processo de aluguel de carros. O local para pegar os carros para alugar não tem ninguém tomando conta. Você recebe uma indicação pelo celular de onde estará o carro e se dirige para lá com a placa do carro também informada no celular. No local através do seu celular você consegue abrir o carro e dentro dele está a chave para ligar. Não me peçam mais informações pois não estudei o método, mas é em linhas gerais assim que funciona.

Quando deixamos o carro em Oxford e fomos pegar o trem para retornar para Londres descobrimos que os trens não estavam funcionando e que teríamos que pegar um ônibus até Reading e então pegar um trem para Londres. Não houve nenhuma confusão e tudo funcionou adequadamente, como sempre funciona na Inglaterra.

Nesta noite jantamos no restaurante português Nando's em Southbank, localizado perto da casa de Erik e Ben. Na verdade, esse restaurante apesar de ser português e ter inúmeras filiais em Londres, tem muito pouca comida portuguesa, talvez apenas as azeitonas servidas como tira-gosto.

Nós íamos retornar para Portugal na 6ª feira e Erik tirou uns dias de folga no banco onde trabalha para ficar conosco. Como já conhecemos tudo que interessa em Londres, o que inclusive já narrei com detalhes nas outras crônicas que escrevi sobre essa cidade, vou apenas repetir rapidamente por onde passamos e o que fizemos.

Toda vez que vamos a Londres Sandrinha tem que ir numa loja de departamento chamada Primark. Essa loja eu descobri depois tem também em São Paulo.

Normalmente nós vamos na Primark da Oxford Street, porém como ela gosta de ficar horas andando por dentro da loja, e como estava muito frio para que eu gastasse tempo circulando na rua, fomos para o Shopping Westfield, que fica nas proximidades do antigo Parque Olímpico. Enquanto ela fazia as suas compras, inúmeras peças de roupas muito baratas e todas feitas em Bangladesh, Vietnam, e outros países asiáticos, eu e o Erik passeávamos pelo Shopping e tomávamos café.

Acabou que no dia seguinte tivemos que voltar ao Primark para Sandriha trocar algumas roupas e então decidimos ir para a Oxford Street para depois almoçarmos no Tibits (Heddon Street – pequena rua transversal a Regent Street). Quando eu falei que sempre repetíamos os mesmos lugares a cada ida nossa a Londres nesses dez anos, o Tibits é um desses vícios. Trata-se do melhor restaurante vegetariano que eu conheço nas minhas inúmeras viagens em 30 países.

Apenas para destacar, e não ficar repetindo as mesmas coisas já citadas em detalhes em outras crônicas de viagens à Londres, almoçamos num dia no Roebucks Pub, próximo à casa do Erik, e comemos o tradicional prato britânico, Fish and Fries (ou seja peixe com batatas fritas) que segundo dizem possui o mais caseiros dos molhos tártaros, se isso for realmente possível.

Numa noite, também repetimos a tradicional visita ao restaurante The Real Greek localizado no Spitafields Market para depois chorar quando chegasse a conta do meu cartão de crédito, tendo em vista especialmente o valor da libra a quase 6 reais, o que realmente aconteceu quando vi o valor de 400 reais por um jantar relativamente simples. Estou realmente esperando alguma mudança de governo no Brasil para poder voltar a viajar em paz com o meu bolso.

Lisboa novamente

- Vocês outra vez? – foi o que disse o recepcionista do Hotel Marques de Pombal.
- Vocês outra vez? – foi também o que disse o Nuno da Ginginha sem Rival, que completou: - Já visitaram o filho em Londres?
- Estava muito frio em Londres? – perguntou a brasileira do café de estranho nome, chamado Café Gelo, onde passamos para comer um Pastel de Belém com um café expresso.

Nós mal tínhamos ido a Londres e já estávamos de volta a Lisboa, pelos mesmos lugares onde já tínhamos estado a poucos dias antes, e onde na verdade estamos passando sempre pelos últimos dez anos.

No primeiro dia jantamos no restaurante Lisboa Há Mesa (o nome é esse mesmo) pois decidimos mudar de restaurante pois a Sandrinha queria comer um Bacalhau à Minolta que não tinha no nosso tradicional restaurante citado no início dessa crônica. A comida estava muito boa, mas o vinho da casa não agradou muito.

No dia seguinte resolvemos inovar e pegamos um ônibus para o Oceanário de Lisboa, uma visita que vale a pena. Ele fica ao lado do Shopping Vasco da Gama, onde tínhamos estados no ano 2000, quando ele tinha acabado de ser construído, e o local era um perfeito deserto. Qual não foi a nossa surpresa ao descobrir que o local agora era um bairro, parecido com a Barra da Tijuca, no Rio. Almoçamos num restaurante a quilo, semelhante aos que temos no Brasil, onde a caixa era uma brasileira de Londrina. Depois de fazer o meu prato e quando já ia pesá-lo vislumbrei uma farofa que infelizmente não pude pegar, pois não combinava com o prato que eu tinha montado.

Porém, poucos dias depois eu poderia matar essa saudade que já começava a me assolar. A visita ao Oceanário é um passeio que vale a pena de ser feito para quem for passar alguns dias em Lisboa.

Na nossa viagem anterior, quando passamos por Viena e Copenhague, a bota da Sandrinha arrebentou em Viena, e após colarmos a sola duas vezes, ela acabou jogando a bota fora. Agora em Lisboa, na nossa segunda passagem, a bota novamente arrebentou, e ela teve que jogar essa outra bota no lixo. As botas ficam descansando um ano no armário, e de repente são obrigadas a sair caminhando dez horas por dia, muitas vezes em temperaturas de zero grau, com neve caindo, como aconteceu em Oxford, e realmente não estão fisicamente preparadas para essas mudanças.

Depois de tantos anos indo a Lisboa, cujas passagens pela cidade talvez tenha passado de umas 20 vezes, decidimos finalmente ir ver um show de fado. Pesquisamos e descobrimos um show chamado Fado in Chiado que ocorre diariamente no Cine Theatro Gymnasio na Rua da Misericórdia 14. Para quem perde tempo lendo as minhas crônicas certamente vai ver o nome desse teatro nas próximas viagens, pois o show é muito bonito e vale a pena de ser assistido.

Voltamos ao restaurante Lisboa Há Mesa na Rua de Santo Antão dessa vez para comer um Bacalhau à Lagareiro e tomarmos um vinho que o maitre nos sugeriu. Acabamos tomando uma garrafa de vinho, o que para os nossos padrões é um exagero. No entanto, o maitre ao final do jantar nos ofertou um vinho do Porto e nos ofereceu, não um cálice, mas uma taça cheia, o que piorou o nosso teor alcóolico e tivemos em consequência de cancelar a ginginha, caso contrário não conseguiríamos subir a ladeira até o hotel.



Eu e Sandrinha no restaurante Lisboa Há Mesa

No último dia como o nosso voo seria a noite, passeamos pelo centro de Lisboa, pela rua Augusta, almoçamos um camarão ao Brás no Ribadouro (ver início da crônica) e fomos fazer hora no tradicional Shopping Amoreira. Se você não está num preparo físico muito bom, não faça esse percurso que acabei de citar, pois são inúmeras ladeiras e as distâncias não são pequenas.

Nesse último dia também uma das meias-calças de Sandrinha arrebentou, e já era a terceira com a qual acontecia esse problema nessa viagem, e resolvemos dar uma olhada numa das lojas da Rua Augusta. A vendedora com aquele sotaque português característico mostrou para ela uma meia e falou o seguinte:

- Essa meia é boa porque aperta a cintura e levanta o rabo.

